

*Que Lugar era Aquele a Partir do Qual o
Autor Deste Texto Viu a Mostra DAD 2014/2 e
Falou Sobre Ela?**

***Mesac Roberto Silveira Jr.*

Resumo

Este ensaio quer captar a experiência passional do autor deste texto ao escrever sobre o teatro contemporâneo e como essa experiência se mescla com o próprio ato da escrita. A experiência de escrever sobre o teatro atual seria então um lugar privilegiado para pensarmos o teatro no seio da própria experiência da escrita, e a escrita impregnada do fazer teatral.

Palavras-chave: teatro contemporâneo - subjetividade - experiência escrita

Abstract

This essay investigates the relation between the contemporary theater, the subjectivity and the written experience. The writer is produced with its meeting with the proper act to write. The written experience would be then a privileged place to analyze the production of subjectivity in the contemporary theater experience.

keywords: contemporary theater - subjectivity - written experience

* Mostra de teatro do Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da UFRGS, no segundo semestre de 2014 onde são apresentados os estágios de atuação e montagem. A Mostra inclui o Painel de Licenciatura onde os alunos de Licenciatura em teatro apresentam seus Trabalhos de Conclusão de Curso.

** Professor adjunto e chefe do Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pós-doutor pela Université de Paris V. E-mail: mesacjr@gmail.com

“Sou como aqueles que voltando de uma longuíssima viagem (para fora de tudo da terra do mundo dos homens e das suas línguas) tentam manter a posteriori um diário de bordo com os instrumentos esquecidos fragmentários rudimentares de uma língua e uma escrita pré-históricas. Compreender o que aconteceu e explicá-lo com pedras pedaços de madeira gestos de surdo mudo... um tatear. E eles vão reconstituir-se com isso. Se soubessem teriam medo e sequer tentariam.” (DERRIDA)

“Quem escreve? Para quem? E para enviar, destinar, expedir o quê? A que endereço? ... Devo pelo que me sobra de honestidade dizer que finalmente não sei. Vocês poderiam ler esses envios como o prefácio de um livro que eu não escrevi.” (DERRIDA)

“A expressão de que não há nada a expressar, nada com que expressar, nada a partir do que expressar, nenhuma possibilidade de expressar, nenhum desejo de expressar, aliado à obrigação de expressar.” (BECKETT)

“Seria a autoridade de uma variação perpétua por oposição ao poder ou ao despotismo do invariante. Seria a autoridade, a autonomia do gago, daquele que conquistou o direito de gaguejar por oposição ao “falar bem” maior. [...] É preciso que a própria variação não deixe de variar, quer dizer, que ela passe efetivamente por novos caminhos sempre inesperados.” (DELEUZE)

Que lugar era aquele a partir do qual o autor deste texto viu a Mostra DAD 2014/2 e falou sobre ela?
Resposta: a paixão.

O lugar era a paixão. Lugar instável, rarefeito, desconfortável e repleto de incertezas de onde o autor deste texto viu o que aconteceu naquelas tardes e noites nas dependências do Instituto de Arte Dramática. E o que aconteceu lá, também aconteceu nele. Foi ele também o próprio lugar de onde experienciou tudo lá: lá o autor deste texto aconteceu. O lá era o lugar possível do seu acontecer. O autor deste texto era o lugar, era a paixão e era também o que ele via. Havia uma confusão de tudo isso na cabeça do autor deste texto. Embora ele se esforçasse para não haver tal confusão; ele não queria essa mistura entre ele, o que ele via e de onde via. A paixão exige essa separação. O autor deste texto queria fantasiar como um apaixonado que acredita que existe o objeto da sua paixão. O apaixonado idealiza, inventa o seu objeto, e se inventa nele, porém tenta se ausentar desse processo, cegar-se a ele. O autor deste texto queria lá, mais que nunca, separar o que era sentido do como era sentido, e de onde era sentido. O pensamento mais difícil não deveria fazer essa separação. Mas o autor deste texto não queria o pensamento mais difícil. Ele apenas desejava flertar, não pensar.

Portanto, naqueles dias o autor deste texto flertara com a Mostra. Suspirando, ele a vira, ouvira, sentira os espetáculos e o painel no qual foram apresentados os trabalhos de conclusão de curso igualmente espetaculares. Fizera tudo isso este autor, e agora, passado um tempo, se dispunha a escrever sobre essa sua experiência, de articular o impensável, de pensar os abismos da paixão.

E o encontramos ali sentado diante de uma xícara de café, conversando sobre essa sua intenção com uma amiga. Sei que dúvidas o atormentam: será que passou tempo suficiente para que ele possa falar dessa sua paixão? Algum dia haverá passado tempo o bastante para que ele se distancie o suficiente para falar dessa sua paixão? Se esse dia chegar, não haverá a paixão então desaparecido e qualquer fala sobre ela será vazia e fria..., científica?

06 de janeiro de 2015

Bebo um café expresso num dos Cafés do centro de Porto Alegre. Converso com uma amiga sobre a minha pretensão de escrever um ensaio sobre as razões da minha paixão por tudo que assisti na Mostra DAD 2014/2 nessas últimas semanas. Sei da minha contradição: como escrever algo lógico, articulado, racional sobre uma paixão, se é justamente a paixão um estado alterado em que a razão brilha por sua ausência? Se a paixão é um delírio, quase um surto, algo embriagador, como posso torná-la objeto de um pensar objetivo? Confesso à minha amiga a necessidade que sinto de escrever algo sobre os motivos da minha paixão, uma espécie de declaração de amor em forma de ensaio, mas não sei se conseguirei.

Postei alguns comentários durante o evento na página da Mostra DAD 2014/2, criada no Facebook; são espécies de rastros, vestígios, recadinhos de amor que deixei espalhados pela rede:

Vestígio:

David Lynch diz em algum lugar que ‘Lo más hermoso que te puede pasar es cuando atrapas una idea que amas. Las ideas están ahí, sólo hay que atraparlas’. Em A CAIXA E A CHAVE, peça da Mostra DAD 2014/2, encontrei muitas ideias para amar.

07 de janeiro de 2015

Escrever sobre os espetáculos e sobre o painel de licenciatura que fizeram parte da Mostra DAD exige de mim um esforço descomunal e paradoxal. Por um lado me encontro no difícil papel de ter que me manifestar de forma lógica e articulada, quer dizer, racional e compreensível, sobre um tema, o teatro contemporâneo, que é conhecido por ser uma arte que não se submete a uma abordagem desse tipo. Por outro lado, me dobro a um impulso passional de me aproximar, de tocar, de tentar roçar com meu pensamento e memória tudo o que assisti ali. O que une esses dois impulsos, me parece, é o elemento a-razão (a-razão: uma razão estranha, deslocada, uma não-razão). A a-razão que envolve a minha paixão, e a a-razão que envolve os processos criativos do teatro contemporâneo. Saber disso não facilita o meu trabalho: como abordar racionalmente o a-razão? Como roçar com minha razão essa paixão por esse ente volátil que é o teatro atual sem aniquilá-los no exato momento em que os toco, os penso? Como descrever essa própria paixão que roça esse teatro? Como falar sobre ela? Talvez fosse melhor calar-me. Este texto, quem sabe, não seja necessário. Porém, algo me obriga, no sentido beckettiano, a escrevê-lo.

Vestígio:

MISTÉRIO-BUFO: UMA ARQUEOLOGIA DO BURACO TROPICAL. E uma arca resplandecente e atópica singrou os mares da Praça da Alfândega.

08 de janeiro de 2015

Não, a paixão não precisa de razões. Aliás, dizem, ela é destituída dela. Entretanto, lá em meio ao mar aberto da paixão, imerso em seu nevoeiro denso e infinito, tentei erguer a minha voz. E o que me saiu era um sussurro. É esse sussurro, essa quietude cortada apenas por uma fala impossível, hesitante, que se insinuou nos vestígios que deixei na rede social. O que consegui deixar ali eram apenas rastros do inapreensível. Vestígios de uma voz indecisa em alto mar. Talvez como um explorador de mares ao sentir o desejo de retornar à terra, reencontrar o porto. Ulisses na sua decisão-indecisão de voltar? Talvez.

Vestígio:

E as meninas do ACAB, que nos pegam pela mão e nos levam, levam, levam.

9 de janeiro de 2015

Desamparado, carreguei comigo um pensamento apenas sugestivo, delicado e sussurrante, um pensamento em alto mar sobre o teatro de nossos dias. E numa pausa do vento, perscrutei, esquadrinhei o silêncio em meio à névoa. Longe eu estava do sol do meio dia das ideias claras, iluminadas, destacadas e brilhantes. Como que apartado do tempo e do espaço, desprovido de coordenadas, meus únicos companheiros eram quimeras e fantasmas. Longe de conceitos, até mesmo de noções, gaguejei hesitante e envergonhado uma linguagem fraca. Não carreguei comigo nessa travessia os grandes códigos do livro, mas apenas talismãs: amuletos da linguagem. Em meio à paixão suspirei, gemi, ousei um passo de dança. Isso, aqueles textos eram uma dança. Uma tentativa confusa de pensar enquanto se ama, uma coreografia imersa em Eros sobre o que eu vi, ouvi, senti e amei durante os dias da Mostra. Sinto que aconteceu lá uma espécie de comunhão, de partilha de corpo e sangue, uma celebração, um sacramento. E depois, a voluptuosidade da escrita apaixonada: sinto que não escrevi apenas sobre o teatro, mas no teatro, à mercê do teatro, subjugado por ele. A própria escritura acariciando a pele do teatro.

Intimado e atordoado por esse mar, por essa névoa, tornei-me assim um tipo de devoto, uma espécie de pensador fracassado: um pensador que não consegue capturar o seu objeto. A minha filosofia fracassou. Tornou-se ela mesma uma filosofia do fracasso. “Fracassar, fracassar de novo, fracassar melhor”. Mas, não fracassou tão bem e melhor como nos intima Samuel Beckett. Fracassou apenas pela metade. E ao fracassar assim, talvez justamente por isso, fracassou bem e melhor. Grande paradoxo: ao fracassar bem..., não fracasso. Devo fracassar à meias, talvez, para fracassar por completo.

Vestígio:

Camille me arrebatou hoje para o seu exílio, o exílio daquelas preciosas mãos abandonadas, sem pátria, sem pouso, sem lar. Partilhei a sua maldição que, para mim, se converteu em benção - a miraculosa benção teatral.

10 de janeiro de 2015

Sei que não esclareço nada aqui, mas, quem sabe, consiga clarear momentaneamente, crepuscularmente um esboço de pensamento como uma cintilância evanescente de razão em meio ao oceano de uma a-razão. Um pensamento apenas adivinhado. O adivinho agora é o poeta: Hermes das encruzilhadas com seu amuleto; Ártemis das regiões selvagens com seu arco; Proteu e seus mil disfarces sobre mil disfarces; e, claro, Dyoníso e seu arrebatamento. Tomo o caminho dos deuses foragidos.

Vestígio:

4.48 Psicose. Sempre me espantará essa capacidade do ator/atriz de se arrojarem nos demônios alheios e emergirem impune (ou não?).

11 de janeiro de 2015

E um pensamento se aproxima do teatro. Uma espécie de pensamento filosófico que não pensa o teatro, não reflete sobre o teatro, mas se filosofa em e com o teatro. É um flerte. Nem posse nem indiferença, mas flerte, aproximação, sedução: tornar-se atraente a. O pensamento quer tornar-se atraente ao teatro. O corteja. Realiza com ele os mais variados jogos de sedução. A teatralidade do amor à sabedoria teatral: filo-sofia. Re-

nuncia a fixar o que vê, o que ama, em uma simples descrição. E o aparentemente representado enche-se de presença, emprenha-se dela. Uma filosofia que roça o útero do teatro, o fecunda. A festa em filosofia ao pensar em teatro. Porém, é um pensar que balbucia, sussurra. O caminho errante do pensar como um descaminho. Um pensamento que tem no imprevisível e no improvável seus companheiros de jornada. Um pensamento que realiza com o teatro transitórios rituais de possessão sem aniquilamento. Mas, será que podemos ainda chamar esse pensamento de logos? Dará conta o logos de falar o abismo, a aisthesis? Poderá o logos descrever essa incapacidade de nomear, de dizer o indizível? Ou, talvez necessitemos de um pensamento promíscuo? Nada de compromissos duradouros com uma ideia, teoria, conceito, prática, estética, ética, política. Apenas coerências momentâneas. Como encontros fortuitos em estalagens à beira do caminho.

Poderíamos então pensar que o assunto deste ensaio é uma procura lenta da consciência de si mesmo por parte do próprio ensaio? Ou, que escrever sobre a paixão é tentar descobrir que ensaio escreveríamos se o escrevêssemos? Convertendo-me em um estranho para mim mesmo, um estrangeiro, me proponho a traduzir-me? Sou interdito pela própria escrita a escrever sobre a paixão (ou sobre o teatro atual, ou sobre a minha paixão pelo teatro atual, ou sobre a paixão radical que emana desse teatro), ao mesmo tempo que sou “intimado” por uma outra escrita que desconheço? Henrique Vila Matas traduz assim esse esforço: “...hablo de mi libro al tiempo que voy construyendo, a la vista de todos, el mismo armazón híbrido que utilicé para él. Se hace estructura al andar” (Vila Matas, p. 17)

Vestígio:

Junior Sifuentes “desconfigurando” cada elétron do teatro em Toda Criança Que Fui.

12 de janeiro de 2015

Do lugar onde via, obtinha apenas um tênue vislumbre de quem eu era quando observava esse fazer teatral. Eu era um apaixonado. Mas, o que naqueles espetáculos e trabalhos de conclusão me apaixonaram tanto? Tenho uma dificuldade extrema de falar sobre o que me apaixonou naquele teatro. Por mais que eu tente os motivos me escapam. Não que eu não tenha o que falar, não que não dancem ante mim todos os melhores adjetivos do mundo para descrever o objeto da minha paixão. Apenas é que por mais que eu fale, que me torne um monotemático (aliás, como qualquer apaixonado, que parece que não sabe falar de outra coisa, mas nunca sente que falou o suficiente, como uma sede jamais apaziguada), esses motivos me escapam como um ímpeto alado que não vem nunca: as migalhas jogadas aos passarinhos do Caio Fernando Abreu.

E vejo os telhados onde jogávamos migalhas de pão para os passarinhos escondidos para não assustá-los até que eles viessem mas não vinham nunca era difícil seduzir os que têm asas já sabíamos mas mesmo assim continuávamos jogando migalhas que a chuva dissolvia intocadas.” (Caio Fernando Abreu Visita, 1975, p. 28)

Vestígio:

Em QUAL A DIFERENÇA ENTRE O CHARME E O FUNK? me chamaram para dançar com as ancestralidades que me compõem - que fazem de mim uma composição ritmada, candente - com as quais danço, sei, à beira do abismo de quem sou.

13 de janeiro de 2015

E me deparei com um teatro repleto de imagens voluptuosas. A celebração da presença, sem a presença. O mais belo simulacro completamente despossuído de um original, de uma originalidade. Um teatro arrebatador, que não nos quer provar coisa alguma; que se cumpre em si mesmo; que não é empregado do conhecer nem do agir. Um teatro que, arredio à qualquer estética ou até mesmo a qualquer ética ou política domesticadora, fuge da pólis para o meio do bosque com as bacantes. Um teatro que em nenhum instante se esquece do poder anárquico de Dyonísio; que transita numa abertura para o não tempo (ácrono) e não espaço (átopo). Um teatro que não preexiste, apenas existe se a cada vez for inventado. O teatro como uma insinuação ilusória, esquiva, fugidia, vacilante, claudicante, habitante dos interstícios de uma a-razão. Um teatro que rejeita o conforto da estabilidade e da certeza, e que não cede à tentação de transformar a incerteza e instabilidade em novas fortalezas despóticas. Uma criação não objetualmente fixável onde as ligações estéticas se unem precariamente e no mero hoje. Aqui a razão é apenas um recurso de emergência: onde emerge uma razão sensível (Maffesoli, 2001).

Vestígio:

Cada vez que vejo “A História dos Ursos Pandas contada por um saxofonista que tem uma namorada em Frankfurt” - um espetáculo em processo de criação da Mostra DAD IA UFRGS - eu aprecio mais esse lento movimento de ascensão e de bela desconstrução do acontecimento teatral.

14 de janeiro de 2015

Voltando à paixão, a dificuldade está na tentativa sempre frustrada da superação da linguagem lógica. Falar da paixão é justamente renegá-la. Falar da paixão pelo teatro contemporâneo é renegar em dobro. A teatralidade contemporânea - ao contrário da minha linguagem lógica, articulada e opaca, -mostra essa renegação, a expõe de forma indecente, erótica. Eu, aqui, ao tentar descrevê-la, fracasso em mostrá-la. E quanto mais me esforço, mais inutilmente fracasso. Os problemas fundamentais do mundo falologocêntrico não se podem resolver falologocentricamente.

São precárias as esperanças de quem ergue a sua voz onde o ente hesita em tomar a palavra e por isso não se torna ser, apenas existência: uma existência tateante. Uma palavra que vem ao encontro, abrindo-se em sua impenetrabilidade e em sua retração, mas sem tornar-se nítida. Ou, de outra forma, apenas a nitidez que transparece na turbulência.

Vestígio:

Particpei hoje ao meio dia e meia do Congresso Internacional do Terrorismo Latino-Americano E do Mundo fui convocado a dar o meu voto. E ele foi SIM à impossibilidade de não ser arrebatado por essas intensas atuações.

15 de janeiro de 2015

Turbulências são caóticas, imprevisíveis e além de qualquer capacidade de cálculo. Turbulência da volúpia, a volução, muito bem descrita por Maria Beatriz Medeiros, em *Corpos informáticos*: “...processos em voluta, em espiral, rodando sem objetivo, sem jamais atingir o centro, sem jamais manter um só movimento. A

volução se aproxima da volúpia, quando paixões deixam mentes-corpos em volução.” (Medeiros, p. 15). Turbulência de Proteu: personagem mítico do mundo grego que criava turbulências ao modificar continuamente a própria identidade e forma para desorientar seus interlocutores. Turbulência da ausência de suporte: o insuportável”: destituído de suporte, “sem o menor suporte” (Derrida, 1998): o suporte enlouquecido derridiano: o “subjétil”.

Turbulências provocadas e que provocam um teatro explosivo, incendiário. Um teatro que persegue o lugar exato onde colocar sua carga explosiva. Não, não serve tudo e nem qualquer coisa nesse teatro. Ao contrário, observa-se atentamente o edifício do logocentrismo, sua fortaleza, sonda-se suas brechas, explora-se suas vulnerabilidades, estuda-se minuciosamente seus diagramas, faz-se simulações, para então, no ponto preciso, instalar sabotadoramente sua potência demolidora. Paradoxalmente, essa demolição é também criação. A criação inerente à própria desconstrução, e a criação que se realiza com os escombros, com os restos do que se demole.

Vestígio:

A modesta (e imensa) beleza das pequenas banalidades do cotidiano, em Galeria de Estranhezas de Pessoas Comuns.

16 de janeiro de 2015

Mais que se contentar em destruir as fortalezas do logocentrismo, o teatro utiliza seus restos jubilosamente, “como quem usa brincos”, conforme a prescrição de Manoel de Barros de como a sua poesia quer usar as palavras. Palavras como amuleto. Teatro que alardeia simulacros. Que dessacraliza sem desdivinizar - aqui os deus são outros: os banidos, os recusados: os deuses que brincam. Um teatro que resiste à tentação da superprecisão que se quer fazer passar por imprecisão.

Vestígio:

Assisti hoje O EDIFÍCIO, mais uma peça da Mostra DAD (IA-UFRGS). E a peça me pegou de jeito... Uma das minhas histórias preferidas, de um dos meus mais queridos livros. E ali estavam eles, aqueles fantasmas que tanto amo se “materializando” diante de mim.

17 de janeiro de 2015

Hoje foi a formatura de muitos dos alunos que participaram da Mostra. Nem havia percebido a coincidência. Terminei esse meu diário/ensaio bem no dia da colação de grau daqueles que me aproximo apaixonadamente aqui. E me dou conta de imediato das saudades. Outro alimento da paixão. Projeto no futuro as saudades que sentirei do dia de hoje, dessas pessoas e da arte que elas fazem, e sinto, agora mesmo, as saudades projetadas no futuro. A paixão bagunçando o tempo. A minha fala quer tocar essa saudade, tateá-la, deixar-lhe vestígios meus.

Que lugar é este a partir do qual o autor deste texto sentiu saudade da Mostra DAD 2014/2 e escreveu sobre ela?

Vestígio:

Camille me arrebatou hoje para o seu exílio, o exílio daquelas preciosas mãos abandonadas, sem pátria, sem
pouso, sem lar. Partilhei a sua maldição que, para mim, se converteu em benção - a miraculosa benção teatral.

P.S.:

Ela: Em que parte da escrita tu estás? Mais meditativa, mais automática, mais catártica? Ou, em que parte tu
querias estar?

Eu: Estou na melhor parte: quando prevejo o fracasso da minha escrita e... tento meter isso na escrita e... hehe
também fracasso nisso.

Ela: hahahaha

Eu: Duplos, triplos fracassos, todos pululando na escrita e nos silêncios dela. Bem aí estou.

Referências

- ABREU, Caio Fernando. O ovo apunhalado. Porto Alegre: Globo, 1975.
BARROS, Manoel de. Poesia completa. São Paulo: Leya, 2010.
BECKETT, Samuel. Fim de partida. São Paulo: Casca Naify, 2001.
DELEUZE, Gilles. Um manifesto de menos. In: DELEUZE, Gilles. Sobre o teatro. Rio de Janeiro: Zahar, 2010
DERRIDA, Jacques. Enlouquecer o Subjétil. São Paulo: Ateliê, 1998.
DERRIDA, Jacques. O cartão-postal. Rio de Janeiro: Record, 2009.
MAFFESOLI, Michel. Elogio da Razão Sensível. Petrópolis: Vozes, 2001.
MEDEIROS, Maria Bratriz. Corpos informáticos. Brasília: PPG/arte-UNB, 2011.
PEETERS, Benoit. Derrida: biografia. São Paulo: Civilização brasileira, 2013.
VILA MATAS, Henrique. Doctor Pasavento. Barcelona: Anagrama, 2008.

Submetido em 25/01/2015

Aprovado em 30/06/2015